

EDUCAÇÃO FÍSICA NO 1o. GRAU: CONHECIMENTO E ESPECIFICIDADE

Sheila Aparecida Pereira dos Santos SILVA*

...tão próximo quanto o próximo e tão remoto quanto o mais distante, esta é a verdade mesma do ser... (Martin Heidegger).

INTRODUÇÃO

Em outras palavras, lembrando Merleau-Ponty (1975), as coisas quanto mais próximas estão dos nossos olhos e narizes, tanto mais difícil se torna a percepção clara e precisa das mesmas, nos levando a viver este mundo sem, ao menos, dar-mos conta dele, ou seja, vivemos um mundo pré-reflexivo.

Vivemos a Educação Física, dela tentamos falar, porém com uma dose de dificuldade, visto que é trabalhosa e demorada a articulação do caminho entre o pré-reflexivo e a reflexão, e não menos simples o caminho do pensamento até as palavras manifestando-se num discurso consistente e coerente.

No entanto, propus-me, nesta ocasião, a apresentar uma reflexão sobre a nossa facticidade¹, ou seja, num determinado momento pensar

essa nossa existência presa intimamente ao mundo e da qual deveríamos tentar nos libertar para poder, como espectador de um filme ou espetáculo teatral, captar o sentido amplo das coisas (Silva, 1995, p.7).

Esta reflexão procurará abranger aspectos da produção, construção, transmissão, apropriação do conhecimento entre professores e alunos em escolas do primeiro grau e, em alguns momentos, ousando extrapolar indo a um nível mais amplo, sócio-cultural.

Esta atitude baseia-se na crença de que *“primeiro é preciso buscar compreender e aceitar as coisas como se mostram para, depois, interferir nelas”* (Silva, 1994b, p.261). Pretendo contribuir, portanto, com a construção de um panorama atual da Educação Física, através da minha leitura do mundo, com vistas a continuar agindo no sentido daquilo que penso ser desejável para esta área.

REFLETINDO SOBRE O CONHECIMENTO

Quando penso em conhecimento, associo esta representação à imagem de posse, ou melhor, seja produzindo conhecimento, seja transmitindo ou recebendo um conhecimento já produzido, sempre penso num processo de apropriação por parte de alguém.

Aproprio-me do, até então, desconhecido e esta posse faz de mim alguém diferente. Esse processo de diferenciação progressiva de mim em relação a mim mesmo leva-me a mudar de lugar.

Conhecimento válido, de acordo com a minha tábua de valores, é todo aquele e só aquele que me leva a mudar de lugar, sair de um lugar onde era ignorante a respeito de fatos e/ou perspectivas, para outro onde estes aspectos se desvelam e me tornam curiosa para apropriar-me de outros mais.

Conhecimento válido, para mim, é aquele que é capaz de ampliar minha visão de mim mesma, minha visão sobre a sociedade e as leis que a regem, minha visão sobre o funcionamento das coisas, dos

Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo.

seres vivos e do universo, no entanto, um conhecimento que não me condene à imobilidade, mas que me torne capaz de agir, detectar os limites impostos à minha ação no sentido de ser mais feliz.

É buscar realizar a utopia de um mundo feliz...

Não posso falar em felicidade sem mencionar que o modelo social que herdamos tem confirmado que a felicidade de uns só acontece em detrimento da dos outros. Só posso falar em felicidade sonhando com mudanças que, provavelmente, não conseguirei viver o suficiente para contemplá-las de forma integral. É como um homem que planta um bosque e não sabe se conseguirá ver as árvores adultas e dando frutos, só pode ter certeza que semeou e cuidou para que as sementes se desenvolvessem.

Para mim o sonho é necessário pois ele fornece energia para continuar vivendo e, especialmente, trabalhando com educação.

Nos meus anos de vida já assisti a muitas mudanças e avaliando as que consigo ter lembrança, o balanço é bastante positivo em direção à humanização sonhada, ainda que bastante distante da sua plenitude.

Via de regra o ser humano dá especial destaque às pedras do caminho e não verifica o quanto já percorreu na sua longa estrada em direção aos objetivos desejados. Tendemos a supervalorizar o que ainda não foi feito e menosprezamos aquilo que já conseguimos fazer. Nossas atitudes no mundo são pautadas por nosso modo de olhar.

Rubem Alves (1995), num comentário a respeito das notícias de jornal, explica que “notícia” deriva de “notar”,

e o “notar” varia de corpo para corpo. Urubu não nota madressilva. Beija-flor não nota carniça. Jornal de beija-flor é diferente de jornal de urubu.

Tentarei apresentar, nesta reflexão, aquilo que vejo como desafios a serem vencidos², porém sem conferir menor destaque ao que já conseguimos fazer, quem sabe, caracterizando uma visão de beija-flor.

Pretendo que minhas afirmações a respeito daquilo que vejo como necessário não assumam um tom arrogante de alguém que pensa estar em posse da verdade, mas como um ponto de partida ou como fundamentos que possibilitem uma gama de ações possíveis. Na vida optamos por princípios e buscamos ser coerentes com os mesmos; estes podem ser flexíveis permitindo-nos a discussão e, via de regra, a revisão dos mesmos.

Tendo isso em mente, organizei meu pensamento e minha fala como segue:

- a) o que vejo como necessário;
- b) o que, nisso, já somos capazes;
- c) o que ainda não sabemos fazer.

O QUE VEJO COMO NECESSÁRIO

Pensando que a Educação Física Escolar é veículo de transmissão e fornece oportunidades para a construção de um conhecimento capaz de mover os seres humanos de um lugar de maior ignorância para outro, onde a ignorância seja menor em relação aos aspectos que mencionei anteriormente; que a Educação Física Escolar pode levar pessoas a um lugar onde se esteja mais próximo da felicidade ou de uma melhor qualidade de vida, acredito que os professores que atuam no processo de escolarização devam ter o domínio de alguns conhecimentos e habilidades.

Em primeiro lugar, a atuação deste professor deve caracterizá-lo por ultrapassar a postura única e exclusiva de um instrutor de atividades físicas, de um recreacionista, de um terapeuta corporal ou psicomotricista. Sua atuação, no entanto, pode conter todas estas facetas, conscientemente assumidas e dosadas em função dos objetivos que se deseja alcançar.

Tais objetivos são pautados pelo paradigma que orienta sua ação e, neste particular, acredito que no meio escolar os paradigmas da aptidão física e da esportivização tem-se mostrado restritivos e, por consequência, não suficientes para que se atinjam as finalidades da Educação Nacional (BRASIL. MEC, 1970) e do ensino de 1o. e 2o. graus (BRASIL. MEC, 1971) explícitas nas Leis de Diretrizes e Bases em vigor.

O conhecimento que necessita ter domínio refere-se à uma visão abrangente do ser humano nos aspectos afetivo, cognitivo e motor, uma visão clara sobre os limites e possibilidades de sua área, tendo em vista a integração do componente curricular - Educação Física - ao trabalho coletivo da Escola.

Este professor deve garantir aos educandos oportunidades para a consecução dos objetivos específicos da Educação Física que, na minha visão, são:

- a) *no domínio motor*: aquisição de um repertório cultural e motor que lhes possibilite aplicações durante toda sua vida em situações cotidianas de movimento através dos mais diversos desafios motores, exercícios físicos, jogos, dança, esportes, explorações de espaços e materiais.

Neste ponto concordo com Daolio (1995) quando fala da necessidade de uma “base motora” (p.41-2), eleita a partir da “eficácia simbólica” (p.40) do repertório de movimentos presentes numa determinada cultura. Tal “base motora” tendo como função propiciar aos alunos a opção entre a prática eficiente ou não, desta ou daquela técnica de movimentos aprendida na escola.

- b) *no domínio cognitivo*: aquisição de conhecimentos básicos de anatomia e fisiologia humanas, noções de biomecânica, bem como aspectos básicos do desenvolvimento das variáveis de aptidão física que os capacite à prática de atividades físicas de forma eficaz e segura.

Ainda neste domínio, a aquisição de informações a respeito da evolução histórica e do significado que as atividades motoras assumem em diferentes épocas, culturas e níveis sociais, fornecendo ao aluno um sentimento de capacidade no sentido de reproduzir, modificar e/ou criar atividades que julgar adequadas às suas necessidades bio-psico-sociais, bem como desenvolvendo o respeito pela heterogeneidade presente no multiculturalismo brasileiro.

- c) *no domínio afetivo*: valorização do movimento corporal e das atividades físicas como fator de desenvolvimento integral do ser humano, onde se incluem a manutenção da saúde em níveis desejáveis e a sociabilização.

Gostaria de enfatizar que, falar em três domínios do comportamento humano não significa que o seu desenvolvimento ocorra em momentos estanques da programação de Educação Física; também não significa que toda e qualquer atividade física, como que magicamente, atinja eficientemente a estes propósitos.

É comum pensar que o simples exercício físico dá conta de desenvolver integralmente o ser humano e eu gostaria de destacar que, para atingir aos objetivos educacionais propostos acima é preciso buscá-los intencionalmente. É preciso preparar cuidadosamente planejamentos onde sejam previstas e selecionadas as melhores situações onde as oportunidades de obter o sucesso almejado estejam presentes e, constantemente, comentar e avaliar este conteúdo junto com os alunos.

Para esclarecer esta mensagem através da utilização de uma metáfora, poderíamos dizer que a Educação Física Escolar é um espetáculo onde o “script” é escrito pelo diretor da peça (professor e direção da escola) com a opinião dos atores (alunos), sendo que todo esse grupo chega a um consenso a respeito da mensagem que desejam transmitir e da impressão geral que desejam causar no público (objetivos atingidos com as aulas).

Em outras palavras, os propósitos das aulas devem ser discutidos e selecionados, até que estejam bem claros para todos: direção, professor, pais e alunos.

O professor, por sua vez, deve ter em mente seus compromissos políticos e as matrizes filosóficas que permeiam seu trabalho e, em relação à sua competência técnica, ter especial cuidado com a dimensão humanística-interacional para que a mesma ajude a constituir um terreno onde professor e alunos possam transitar em férteis diálogos e trabalhos, onde a expressão do aluno possa ocorrer como requisito básico para avançar em relação ao lugar onde está.

O QUE, NISSO, JÁ SOMOS CAPAZES

No dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira (1975), encontramos o vocábulo “ensino” com três conotações: uma delas é “adestrar”, a outra é “instruir” e uma terceira que seria “indicar caminhos ou levar a conhecer”. Ao nível das idéias, uma grande parcela dos profissionais admite que na

escola seu papel vai além da instrução pura e simples, ou do adestramento técnico de seus alunos, já sendo visíveis posturas em relação ao ensino no terceiro sentido apontado pelo dicionário.

Já é possível afirmar que houve progresso em relação à visão de que a Educação Física compunha o elenco das disciplinas escolares com a finalidade de colaborar para a eugenia da raça ou para ser o “celeiro de talentos esportivos”.

Hoje já é admissível que, no interior da escola temos o que ensinar (Arantes, 1995; Barros, 1995; Betti, 1995; Castellani Filho, 1995; Cisneiros, 1995; Daolio, 1995; Rodrigues, 1995; Schwalm, 1995; Tolkmitt, 1995; Vago, 1995).

Dentre estes autores citados e numa parcela dos profissionais, já se admite que o conteúdo deste ensino vai além da mera execução da ginástica e dos esportes, assumindo as dimensões amplas de uma “cultura corporal” (Castellani Filho, 1995; Soares, Taffarel, Varjal, Castellani Filho, Escobar & Bracht, 1992), “cultura de movimentos” (Bracht, 1989), “cultura física” (Betti, 1992); “cultura corporal ou cultura física” (Daolio, 1995) ou, ainda, de “patrimônio cultural e histórico” (Vago, 1995). Para Tolkmitt, os professores:

...deverão considerar como ponto de referência o saber que o aluno traz para a escola e, através da ginástica, da dança, dos jogos e dos esportes, analisados em seu contexto social, cultural e histórico, construir novas formas de movimentação corporal visando superar o adestramento até então adquirido...(1995, p.34).

Neste particular, podemos avaliar que hoje, ao menos a nível acadêmico, podemos encontrar pessoas preocupadas com a importância da cultura brasileira, ainda que resultante de uma grande miscigenação de culturas, demonstrando que já não mais importamos tão pura e simplesmente os modelos vindos do primeiro mundo no que se refere ao conteúdo curricular da Educação Física no meio escolar. Esta afirmação, sem sombra de dúvida, não se aplica a outros campos de atuação do profissional de Educação Física onde o “aero-funk”, o “full-contact”, o “slide”, o “step”, o “aerobkids”, o “street dance” entre outras manifestações, ainda marcam a forte influência de outras culturas sobre a nossa.

Numa outra perspectiva, mais focada no nível individual, psicológico, no entanto também superadora da simples transmissão, instrução ou execução de movimentos, encontramos aqueles que defendem que o conhecimento a ser trabalhado durante as aulas deve estar voltado para “o ser-que-se-move” (Parlebás, 1984) ou para “o ser humano em movimento” (Cisneiros, 1995; Moreira, 1993; Santin, 1987, 1988). Este discurso destaca a necessidade de sempre ter em vista que o homem é um ser uno ou, em outras palavras, um todo orgânico, um ser cujos movimentos ultrapassam os limites das simples atividades mecânicas, um ser que brinca, um ser que sente, sendo que a oportunidade para a manifestação dessa sensibilidade conferirá às aulas de Educação Física mais alegria, mais prazer, maiores oportunidades para a manifestação das individualidades.

Um outro aspecto que gostaria de apresentar refere-se à presença, na sua maioria em escolas particulares, da figura do Coordenador de Educação Física e, em alguns níveis de órgãos governamentais, de profissionais de Educação Física o que, resguardadas as visões excessivamente rígidas e tradicionais que eventualmente ocorrem e que mais atrapalham do que auxiliam o trabalho do professor, já representa um avanço na área que antes estava sob responsabilidade única e exclusiva de educadores detentores de outra formação acadêmica.

Percebemos, nos dias atuais, que o Professor de Educação Física já venceu uma série de “complexos de inferioridade” em relação aos professores de outras disciplinas curriculares, participando mais ativamente das discussões pedagógicas e dos Conselhos de Escola já sendo possível constatar algumas incipientes tentativas de integração de conhecimentos inter-disciplinas.

Esta melhoria da integração e do desempenho pedagógico pode ser atribuída, em parte, a uma melhor formação dos docentes de nível superior, fruto dos cursos de Pós-Graduação implantados no país a partir da década de 70 como também por uma maior integração das chamadas disciplinas pedagógicas do curso de graduação. Tal integração, entretanto, raramente atribuível a um trabalho conjunto entre os Centros e Faculdades de Educação e as Faculdades de Educação Física porém, muito mais, pelo fato destas disciplinas serem ministradas por professores com dupla formação acadêmica, por exemplo: Educação Física e Pedagogia, Educação Física e Psicologia, Educação Física e Sociologia.

Podemos afirmar, sem risco de ufanismo, que hoje, na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, a proposta de currículo do curso de Licenciatura que ora se implanta com todas

as dificuldades normais deste processo, apresenta condições de formar professores que comporão o corpo docente de escolas com a visão clara do papel que representam nesta instituição.

Terão condições de saber a contribuição que a Educação Física tem a dar na formação dos alunos, de colocarem-se disponíveis para a realização de trabalhos integrados no interior da escola, com conhecimento técnico suficiente para analisar os problemas que o cotidiano profissional lhes apresenta e, finalmente, com a mentalidade de que o conhecimento advindo da prática deve manter, constantemente, uma relação dialética com a teoria que receberam no curso de Graduação.

Não quero, todavia, pintar um quadro cor-de-rosa a respeito dos nossos graduandos. Nosso futuro professor também sofre das inseguranças e temores próprios de quem inicia sua atuação num lugar diferente mas procura-se formá-lo para que tenha em mente que, as contradições que ocorrem, mostram-se como possibilidades da elaboração de novas sínteses. Em suma, o professor de Educação Física que, hoje, temos condições de formar nesta Universidade nada terá de desvantagem em comparação com os professores das outras disciplinas escolares, de uma maneira geral.

Resumindo este balanço dos avanços que pudemos efetuar:

- a) temos uma visão mais ampla a respeito das nossas possibilidades e finalidades na escola do que há duas décadas atrás. Neste aspecto, os anos 80 desempenharam importantíssimo papel colocando os fundamentos e as visões hegemônicas da Educação Física sob severo questionamento³;
- b) temos exemplos de currículos de graduação, com corpos docentes melhor preparados e onde há coerência entre a intenção e a ação de formar professores para a rede escolar;
- c) temos a possibilidade de refletir e optar entre diferentes abordagens curriculares;
- d) temos conhecimento de diferentes metodologias de ensino adequadas à busca dos mais diversos objetivos educacionais;
- e) temos a visão de que o professor de Educação Física tem a mesma importância e o mesmo valor do que os demais professores da escola na tarefa educacional, podendo trabalhar integradamente com outras disciplinas;
- f) temos profissionais de Educação Física ocupando posições onde há poder de decisão no sentido de transformar, filosófica e praticamente, a Educação Física Escolar;
- g) temos, enfim uma visão menos dogmática a respeito de modelos educacionais, possibilitando ao professor agir de acordo com suas crenças e ideais.

O QUE AINDA NÃO SABEMOS FAZER

Uma análise das abordagens e ideologias educacionais existentes associadas ao conhecimento selecionado pelas mesmas para compor os currículos escolares seria por demais extensa para ser apresentada numa ocasião como esta e com o tempo que dispomos para nossa exposição.

Conforme afirmei no início, o sentido da minha fala seria construir um panorama do estado em que vejo a Educação Física com a finalidade de continuar agindo no sentido daquilo que penso ser desejável.

Disse, também, que um conhecimento válido, para mim, seria aquele que me tornasse capaz de agir, detectar os limites impostos à minha ação, no sentido da busca utópica de ser mais feliz e colaborar para que os outros fossem felizes.

Sei da dimensão idealista que reveste minha fala, mas esta postura, longe de ser encarada como um modelo rígido, pretende servir como estímulo para que pessoas diferentes, em contextos sociais diferentes, também busquem ultrapassar as barreiras que se apresentam em busca de condições melhores de existência.

O que falarei a partir de agora não deve ser entendido, portanto, como críticas e repreensões, mas com o sentido deixado claro no parágrafo anterior, buscando apontar as possibilidades de continuar agindo, as lacunas de conhecimento e atitudes que necessitamos aprender.

Entendo que assumo um posicionamento ético onde não seja suficiente ocultar e escamotear o erro e a deficiência, mas conversar com os profissionais e colegas envolvidos para que reflitam, revejam e, se julgarem adequado, modifiquem suas atuações.

Parto da constatação de que conhecemos mal a nossa história, a conhecemos de forma enviesada, porém desejamos basear nossas aulas numa “cultura corporal” como se a mesma só existisse no momento presente, como se não tivesse origens e por quês.

Além de conhecer pouco nossa própria história e os elementos da cultura corporal, temos nos mostrado acomodados o suficiente para nem sequer conhecer a cultura que nos rodeia, a história do bairro onde se situa a escola, a origem social dos nossos alunos, os significados existentes em toda a comunidade escolar. Talvez por isto, seja bem mais fácil continuar ministrando seqüências pedagógicas dos esportes e depois “soltando a bola” para os alunos jogarem.

Não ignoro o salário baixo de um professor da rede pública do ensino e este, na maioria das conversas a respeito da melhoria da qualidade do ensino, sempre tem sido apontado como o maior responsável pelo baixo envolvimento do professor e, conseqüentemente, para que as propostas curriculares não dêem certo.

Historicamente, a profissão de professor não costuma ser muito bem paga, apesar de, tempos atrás, já ter gozado de um melhor “status” social.

Acho que as lutas e reivindicações devem continuar, no entanto, não esquecendo que só se sai vitorioso de uma greve quando, além de melhorar o “hollerith”, melhora-se também a qualidade das aulas.

Por quê digo isto ?

Porque ainda ouço pessoas que optam por esta profissão porque se tem de dois a três meses de férias por ano e porque não ministram aulas em dias de chuva (Moreira, 1991).

Ainda encontro quem afirme que a escola só é boa quando os alunos vão embora. Ainda encontro quem sonhe com um “belo par de calos nas cordas vocais”, com um “problema crônico de coluna”, com uma “perna cheia de varizes”, ou ainda, com um desequilíbrio psiquiátrico que os pudesse conduzir a uma readaptação funcional ou a uma aposentadoria precoce. Acredito que precisamos reaprender o prazer de trabalhar, o prazer de fazer, o prazer de buscar o desconhecido junto com os alunos, de experimentar, de tentar novamente.

Para que todo este falar sobre o conhecimento que devemos transmitir e sobre a especificidade deste componente curricular não se transforme numa semente em terreno pedregoso, não podemos continuar ignorando o estado psicológico dos nossos profissionais do ensino.

É preciso tentar mudar este quadro onde o professor se sente abandonado e não consegue reunir energias para continuar estudando. Percebe-se uma grande dificuldade dos professores em estudarem sozinhos e, dependendo de quanto anos restam para a aposentadoria, a dificuldade em buscar cursos de aperfeiçoamento vai se tornando cada vez maior.

Se as pessoas interessadas que estão aqui presentes continuarem a investir seus esforços na tarefa de pensar a contribuição que a Educação Física pode oferecer na formação, desenvolvimento e aprimoramento humano, espero que possamos trabalhar melhor em conjunto com as demais disciplinas da escola. Espero que, neste trabalho, possamos sentir que desempenhamos nosso papel sem, necessariamente, ser um utensílio de auxílio de outras áreas de conhecimento.

Na tarefa educativa busca-se desenvolver uma série de competências (Gardner citado por Machado, 1995) e apenas a complementaridade entre as diferentes disciplinas pode atingir a este objetivo. Precisamos, portanto, pensar em especificidade como um fortalecimento do nosso conhecimento porém desvinculando esse conceito do conceito de limite, demarcação, fronteira que devemos defender de invasões alheias.

Aproveitando que falei de fronteiras e de trânsito, creio que precisemos avançar no sentido de buscar a aproximação e a complementaridade das abordagens biológicas, psicológicas e sócio-culturais, o que, na minha opinião, só pode ocorrer ao nível da aplicabilidade, ou seja, da prática.

Desta forma, é provável que aprendamos a mostrar aos alunos, seus pais, coordenadores e diretores de escolas que a Educação Física Escolar não é apenas esporte e competição.

E por falar em competição, não podemos ignorar que hoje há uma gama imensa de atividades fora da escola dividindo com a Educação Física a popularidade sempre gozada por esta. Precisamos, portanto, conhecer melhor os interesses de nossos alunos, sua linguagem. Relembrando meu saudoso professor Joel Martins, não adianta falarmos do passado enquanto nossas crianças pensam em seres extra-terrestres, naves espaciais e Internet. Vamos falar do passado a partir de seus ETs e naves espaciais, mas situando-os no presente de forma que consigam ler e compreender nossa herança do passado, sabendo-se capazes de fazer o futuro com uma aparência diferente.

Provavelmente muitas outras coisas não sabemos fazer, nem ao menos conseguimos uma relação efetiva e permanente entre Escolas e Universidades, mas espero ter contribuído apontando aspectos onde é possível ampliar nosso conhecimento e melhorar nossa atuação.

NOTAS

1. Segundo Martin Heidegger (1985), o termo “facticidade” refere-se a inegável presença humana no mundo como um fato.
2. O lado negativo, ou aquele que evidencia nossas incapacidades, costumam ser os “pratos cheios” daqueles que só enxergam como urubus.
3. A respeito da crise ocorrida nesta década, leia Silva (1994a).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. Sobre jornais e aleluias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 nov. 1995. Cad.1, p.3.
- ARANTES, A.C. Educação física escolar: temos o que ensinar? **Revista Paulista de Educação Física**, p.25-6, 1995. Suplemento 1.
- BARROS, M.L.F. Educação física escolar: temos o que ensinar? **Revista Paulista de Educação Física**, p.32-3, 1995. Suplemento 1.
- BETTI, I.C.R. O que ensinar: a perspectiva discente. **Revista Paulista de Educação Física**, p.27-31, 1995. Suplemento 1.
- BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.3, n.2, p.282-7, 1992.
- BRACHT, V. Educação física: a busca da autonomia pedagógica. **Revista da Educação Física/UEM**, v.1, n.2, p.12-9, 1989.
- BRASIL. MEC. **Diretrizes e bases da educação nacional**: Lei n. 4 024 de 20/12/61. Brasília, MEC, 1970.
- _____. **Diretrizes e bases do 1o. e 2o. graus**: Lei n. 5 692 de 11/08/71. Brasília, MEC, 1971.
- CASTELLANI FILHO, L. Considerações acerca do conhecimento (re)conhecido pela educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, p.10-9, 1995. Suplemento 1.
- CISNEIROS, M. Educação física escolar: temos o que ensinar? **Revista Paulista de Educação Física**, p.36-9, 1995. Suplemento 1.
- DAOLIO, J. Educação a partir do movimento. **Revista Paulista de Educação Física**, p.40-4, 1995. Suplemento 1.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. 3.ed. Lisboa, Guimarães, 1985.
- _____. **Introdução à metafísica**. 3.ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1987.
- MACHADO, N.J. **Epistemologia e didática**. São Paulo, Cortez, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. **La fenomenologia de la percepción**. Trad. Jem Cabanes. Barcelona, Península, 1975. /original: 1945/.
- MOREIRA, W.W. Educação física escolar: a busca da relevância. In: PICCOLO, V.L.N., org. **Educação física escolar: ser... ou não ter?** Campinas, Edunicamp, 1993.
- _____. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica**. Campinas, Edunicamp, 1991.
- PARLEBÁS, P. Perspectivas para una educación física moderna. **Cadernos Unisport**, v.1, n.1, 1984.
- RODRIGUES, M.R. Educação física escolar: temos o que ensinar? **Revista Paulista de Educação Física**, p.47-9, 1995. Suplemento 1.
- SANTIN, S. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, Unijuí, 1987.
- _____. Educação física e esportes no 3o. grau: perspectivas filosóficas e antropológicas. In: PASSOS, S., org. **Educação física e esportes na universidade**. Brasília, SEED/MEC, 1988.
- SCHWALM, A. Educação física escolar: temos o que ensinar? **Revista Paulista de Educação Física**, p.50-3, 1995. Suplemento 1.
- SILVA, S.A.P.S. Educação física: um fenômeno que se desvela. **Revista Paulista de Educação Física**, v.8, n.1, p.58-68, 1994a.
- _____. A questão do conhecimento segundo Merleau-Ponty. **Revista APG/PUC-SP**, v.3, n.6, p.251-62, 1994b.
- _____. Relação professor-aluno em aulas de educação física: um tema a ser pesquisado. **Revista Licenciatura/FMU-FIAM-FAAM**, v.1, n.1, p.6-9, 1995.
- SOARES, C.L.; TAFFAREL, C.N.Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M.O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo, Cortez, 1992.
- TOLKMITT, V. Educação física. **Revista Paulista de Educação Física**, p.34-5, 1995. Suplemento 1.
- VAGO, T.M. Educação física escolar: temos o que ensinar? **Revista Paulista de Educação Física**, p.20-4, 1995. Suplemento 1.